

SUICÍDIO: O ÚLTIMO ESTÁGIO DA DOR HUMANA

SUICIDE: THE LAST STAGE OF HUMAN PAIN

Karla Carvalho¹;Rafaela Jardim²;Suellen Barbosa³;George Moraes De Luiz⁴

RESUMO

Este ensaio teórico aborda os múltiplos fatores que contribuem para a ideação suicida na sociedade contemporânea. Para isso focaremos nos aspectos psicossociais, razão pela qual não podemos pensar esta morte voluntária, analisando o indivíduo de maneira isolada. Reconhecido pela Organização mundial de saúde como um grave problema social e de saúde pública, alcança uma dimensão global, atingindo diversas faixas etárias. Para entender a complexidade dos fatores que se relacionam ao termo suicida, esta discussão embasa principalmente nos estudos do sociólogo Zigmunt Bauman.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Modernidade líquida. Suicídio. Capitalismo. Sofrimento Psíquico.

ABSTRACT

This theoretical essay addresses the multiple factors that contribute to suicidal ideation in contemporary society. For this we will focus on the psychosocial aspects, reason why we can not think this voluntary death, analyzing the individual in a isolated way. Recognized by the World Health Organization as a serious social and public health problem, it reaches a global dimension reaching several age groups. To understand the complexity of the factors that relate to the term suicide, this discussion is based mainly on the studies of sociologist Zigmunt Bauman.

KEY WORDS: Psychology. Modernity net. Suicide. Capitalism. Psychic Suffering.

¹ Discente do curso de psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande. E-mail: karlinhaacarvalho@hotmail.com

² Discente do curso de psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande. E-mail: pipoca84@hotmail.com

³ Discente do curso de psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande. E-mail: ssuellenbarbosa@outlook.com

⁴ Professor titular do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande; Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: george.luiz@univag.edu.br

Introdução

Este ensaio teórico aborda os múltiplos fatores que contribuem para a ideação suicida na sociedade atual. Para isso focaremos nos aspectos psicossociais, razão pela qual não podemos pensar esta morte voluntária, analisando o indivíduo de maneira isolada. Reconhecido pela Organização mundial de saúde (OMS) como um grave problema social e de saúde pública, alcança uma dimensão global, atingindo diversas faixas etárias. Para entender a complexidade dos fatores que se relacionam ao termo suicida, esta discussão embasa principalmente nos estudos do sociólogo Zigmunt Bauman.

Por ser um tema que está em voga, sentimos a necessidade de falar sobre suicídio a partir dos fatores psicossociais que contribuem para que o indivíduo tire a própria vida. Esta morte está presente ao longo da história da humanidade ganhando diferentes significados e valores a depender do contexto no qual se vive. Entende-se o suicídio como um ato voluntário contra a própria vida, uma morte diferenciada, por se tratar de uma lesão autoprovocada. Rigo (2013) define o mesmo como,

Uma manifestação humana, uma forma de lidar com o sofrimento, uma saída para livrar-se da dor de existir. Por essa razão, considero o suicídio uma carta na manga, isto é, aquilo que o sujeito pode dispor quando a vida lhe parecer insuportável. (p. 33).

Por não se limitar a um trágico episódio no âmbito pessoal, trata-se de um fenômeno complexo, multifatorial e de grande impacto social, sendo a quarta maior causa de morte de brasileiros entre 15 a 29 anos, de acordo com informações fornecidas pelo Ministério da Saúde. Segundo o Código Internacional de Doenças, CID 10, capítulo XX, o suicídio é conceituado como “*morte violenta por causas externas, isto é, morte não decorrente de doença*” (OMS, 10ª Revisão, CID-10, 1995).

Adiante, a partir de dados colhidos pela OMS (2014) a taxa mundial de morte por suicídio é de 11,4 por 100 mil habitantes (15,0 para homens e 8,0 para mulheres), a estimativa é que a cada 40 segundos uma pessoa morre no mundo em decorrência deste ato voluntário que é tirar a própria vida. Segundo a mesma organização, estima-se que um milhão de pessoas se suicidam anualmente e esse número deve chegar a 1,6 milhão de mortes em 2020. Em número de ocorrências, o Brasil é considerado o país com baixas taxas de óbitos decorrentes desta prática. A estatística é de 5,8 por 100 mil habitantes, 2,5 mulheres e 9,4 homens, outro aspecto interessante envolto ao suicídio é a questão do gênero, embora as mulheres apresentem uma estatística maior de tentativas, os homens utilizam métodos mais letais e eficazes como enforcamento e armas de fogo. Falar sobre suicídio é constatar que, apesar de

crescente no ranking das estatísticas, ainda é considerado tabu pela sociedade. De acordo com Werlang e Botega (2004),

Para compreensão da motivação (razões psicológicas) para o suicídio, torna-se necessário levantar aspectos da história do indivíduo para assim poder reconhecer fatores predisponentes não imediatos. A história em sentido amplo permite identificar os motivos que, ao longo da vida, auxiliam a estruturar e escolher uma saída suicida, efetivando um ato autodestrutivo intencional. (p. 126).

Nota-se, portanto, que há grande complexidade para compreender o suicídio diante de múltiplos aspectos que o envolve. No entanto, podemos dizer que entre os vários fatores determinantes para a sua consolidação, existe sempre o sofrimento psíquico envolvido, produzido em um contexto social. Bauman (2000) situamos este fenômeno na sociedade capitalista e na modernidade líquida⁵. Segundo o mesmo, modernidade líquida são os dias atuais. É uma era de liquidez, de variabilidade, de dúvida e medo. É nessa era que a solidez e os paradigmas morais da era antecedente, chamada por ele de modernidade sólida, são tiradas do lugar para dar espaço à lógica do imediato, do consumir, do prazer e do artificialismo.

Neste sentido encontramos nos textos de Bauman, Mal estar na pós-modernidade (1997), Modernidade líquida (2000), Confiança e medo na cidade (2009), importantes contribuições a respeito da produção de sofrimento humano na sociedade capitalista. O autor escreve sobre a sociedade atual, e suas reflexões são baseadas nas transformações que a cultura sofre diante da globalização e do avanço da tecnologia do conhecimento acelerando o processo de individualismo. De acordo com Jardim (2004) “o individualismo moderno se caracteriza por uma busca de liberdade, singularidade e auto responsabilidade” (p.25), e a individualidade para Silva (2009) “refere-se às características herdadas naturalmente que constituem todo o indivíduo e que servem de base para o desenvolvimento da singularidade e do psiquismo como um todo”. (p.175). As relações humanas nesta perspectiva do individualismo de acordo com os escritos de Bauman se condensam com laços momentâneos, volúveis e frágeis, em um mundo fluído e dinâmico.

Criador do termo modernidade líquida Bauman explica as relações nos dias atuais, dando destaque ao prazer exacerbado, ao consumo frenético e a artificialidade dos vínculos afetivos. O escritor enfatiza a liquidez, a superficialidade, a incerteza e a insegurança, como geradores do sofrimento psíquico.

⁵ Segundo Bauman é o período em que a composição social da era da modernidade sólida se dissolve e os relacionamentos se tornam volúveis. Onde o indivíduo se torna livre para ser o que quiser através de seus esforços, onde a instabilidade e a indecisão são geradas por falta de referências formadas socialmente.

Segundo Bauman (2001), a modernidade líquida dissolve a ordem com o clamor de prazer instantâneo, colocando destaque para a liberdade individual como o maior atributo na contínua criação de um mundo humano. Enfatiza que os homens e as mulheres que vivem na modernidade líquida alteraram componentes de sua segurança para buscar mais felicidade em experiências volúveis, e o mal-estar deriva de uma liberdade na procura do prazer, mesmo que isso implique na redução da segurança. Decorre disso, que as pessoas na sociedade atual vivem com um sentimento de fracasso por não obter a tão almejada sensação de felicidade. Vivem com a impressão de que alguma coisa está errada na sociedade. O mal-estar social resulta de alguma experiência instalada na consciência do homem, como uma angústia, que o faz viver como um andante sem rumo histórico.

Bauman (1997) descreve que essa situação é a experiência da liberdade, onde ilustra uma vida cheia de escolhas difíceis e perigosas, de incertezas e de responsabilidades, constante medo das consequências, medo da inconformidade de não aproveitar a vida e de não estar enquadrado conforme as regras da sociedade. O Estado que na modernidade era sólido e caracterizado por um estado organizado, que zelava pela qualidade de vida, produtor de justiça, hoje, na modernidade líquida, perdeu a finalidade da sua existência. Os relacionamentos se tornaram descartáveis. Essas modificações começaram a partir dos ideais racionalistas que ganharam destaque perante os ideais tradicionais e decorrentes disso as configurações de organização social foi sofrendo transformações e os padrões compostos na modernidade sólida foram se desfazendo dando espaço para novos formatos de organização social. A sociedade da modernidade líquida que na teoria é construída presando a liberdade vem trazendo vestígios da modernidade sólida, impondo comportamentos para a sociedade, em que é preciso viver conforme as normas do consumismo, do produtivismo e da felicidade utópica, de forma que aqueles que as descumprem são vistos como estranhos.

Bauman (1997) enfatiza, não somente as transformações culturais que vêm acontecendo na modernidade líquida, todavia fala também das implicações que estão afetando a vida nos relacionamentos, das afeições e sentimentos humanos. Ainda segundo o autor, a estrutura da modernidade sólida desabou. O sofrimento psíquico decorrente do capitalismo interliga-se com a dor psicológica se apresentando de um jeito particular e único para cada indivíduo.

Ao abordarmos o sofrimento humano de um ponto de vista histórico teremos que, necessariamente, refletir sobre o processo histórico e sobre as características do contexto cultural da época da ocorrência dessa modalidade de sofrimento. Nesta perspectiva observamos que a cultura, ao se organizar ou ao se fragmentar, constitui e possibilita o

aparecimento de novas formas de sofrimento e subjetivação. (SAFRA, 2000, p. 46).

O homem da modernidade líquida depara-se com uma crescente sensibilidade psicológica que aliada a necessidade do ter e o avanços da tecnologia, experimenta o sofrimento nos estágios físico e psíquico, buscando soluções imediatas por não suportar sofrer e carregar o peso do fracasso. Dentre as opções de soluções imediatas encontra-se entre outros, o uso excessivo de medicamento, recurso às drogas e o suicídio, com a necessidade de liberta-se do sofrimento a todo custo.

As tentativas de suicídio devem ser consideradas de extrema importância, encaradas como um sinal de alerta a indicar a atuação de fenômenos psicossociais complexos, os quais os profissionais de saúde mental devem interpretar e manejar de forma adequada, visto que, por se tratar de um tabu para sociedade, manejar situações que envolvem tal tema, torna-se complexo ao passo em que gera resistências aos profissionais. Frequentemente o suicídio ou a tentativa do mesmo, torna-se apenas uma história a ser esquecida, jogada fora ou ocultada. Por vezes, há um grande número de mortes que não são examinados nem verificados por um serviço de óbitos, justificadas pela pressão familiar em omitir a natureza da morte no atestado.

Dito isto, acreditamos que este trabalho possui contribuições científicas, na medida em que servirá de subsídio para futuras pesquisas sobre promoção de vida; e sociais, por propiciar um debate a respeito desse tema emergente. A seguir, apresentaremos dois aspectos aos quais este fenômeno se relaciona: a estrutura social capitalista e sofrimento psíquico.

1. Aspectos sociais do suicídio: capitalismo

O capitalismo pode ser definido como um sistema econômico cuja característica é a acumulação de recursos materiais e financeiros. Iniciou-se na Europa seguido de um processo de monetarização, estimulando uma economia que passou a ser fundamentada em valores numéricos condizentes a mercadorias. “Deste modo, o sistema capitalista utilizou-se de vários artifícios que culminaram em nosso atual modelo econômico e estilo de organização social.” (FERNANDES, 2010, p.2).

De acordo com Costa e Godoy (2008), a partir da década de 1960, o capitalismo adquiriu uma forma globalizada evocando a evolução de novas tecnologias de informação e comunicação nos processos produtivos e nas relações sociais. Ao falarmos do suicídio na sociedade contemporânea, destacamos o capitalismo como um dos marcos essenciais deste fenômeno. Estabelecemos a relação Suicídio *versus*

capitalismo, enfatizando dois momentos: de um lado temos a ciência, destinada a promover a vida a todo custo, como afirma Rigo (2013, p.18), “os médicos, historicamente, foram se apropriando de um poder sobre a vida”. Do outro lado, temos uma sociedade alicerçada no capitalismo, nas palavras de Netto (2013, p. 22), “fundada na exploração e profundamente marcada pela opressão, desigualdade, competitividade e individualismo”.

Ao pensarmos o sujeito como um ser influenciado pela cultura na qual está inserido, ou seja, este se constitui através do contexto social que o representa, por mais que a liberdade do indivíduo moderno seja valorizada, e as formas de viver tenham sido ampliadas, consideramos esta, uma liberdade limitada, pois a estrutura social regente impõe restrições na forma de atuar. Sendo assim, as pessoas revelam suas identidades não mais pelas suas crenças culturais, partidárias ou religiosas, mas sim pelo que consomem, fazendo com que os objetos que adquirem definam seu estilo de vida, vivemos em uma sociedade onde se troca o *quem* pelo o *que*, transformação das pessoas em mercadorias, processo mediado pelo consumo.

A busca por prazeres individuais articuladas pelas mercadorias oferecidas hoje em dia, uma busca guiada e a todo tempo redirecionada e reorientada por campanhas publicitárias sucessivas, fornece o único substituto aceitável na verdade, bastante necessitado e bem vindo para a edificante solidariedade dos colegas de trabalho e para o ardente calor humano de cuidar e ser cuidado pelos mais próximos e queridos, tanto no lar como na vizinhança. (Bauman, 2008, p. 154).

Com a finalidade de fazer o mercado girar, a sociedade criou o mito do consumo, sendo este definido como algo bom e necessário para os cidadãos, explicando como as modificações no consumo influenciam no modo como as pessoas exercem sua cidadania. O poder aquisitivo tornou-se um meio de classificar as pessoas, decorrente da quantidade e qualidade do que as mesmas consomem, motivo pelo qual consumir consolidou-se em uma forma de prestígio social, onde todos devem ser e precisam ser consumidores por vocação. É uma nova economia política que veio substituir o modelo de produção e consumo, as indústrias e a condição financeira além de produzirem mercadorias, produzem subjetividade. A subjetividade construída pelo consumo leva-nos a escolher produtos que mais nos atraem, na necessidade de se expor, somos instruídos sobre que características nossas tem o potencial de interessar aos parceiros afetivos/ sexuais, mercado de trabalho, ou seja, aos nossos consumidores.

A interação do indivíduo com o meio social se reduz na contemporaneidade a um consumo ostentatório, o qual vincula a felicidade a algo não adquirido, não comprado, mas ao passo de sê-lo. O consumismo exerce diversos efeitos e formas de

manipulação na sociedade, principalmente sobre o indivíduo que se vê cercado por esse processo, visto que o consumo não está atrelado somente à ostentação ou *status*, ou a satisfação de necessidades, mas também a satisfação de aspectos subjetivos tornou-se um imprescindível componente identitário.

A sociedade de consumidores, como o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. (BAUMAN, 2008, p. 71).

A obrigatoriedade de ser feliz é consequência direta da pós-modernidade, e quase todas as propostas para o alcance desta felicidade estão ligadas ao consumo, vivemos a era de felicidade compulsória e compulsiva, ser feliz a todo e qualquer custo, *status* diretamente reproduzido e predeterminado pela mídia. Todavia, podemos dizer que o consumo é uma atividade solitária, desprendida de vínculos duradouros, império do efêmero. Ademais, diante o exposto, o ser humano frente à frustração e incapacidade de não alcançar o estilo de vida imposto pelo consumo, na tentativa de diminuir a angústia sentida, abre mão de diversas formas defensivas que o protegem da real percepção da realidade de um mundo que ao mesmo tempo lhe oferece prazer e terror, gerando sofrimento psíquico.

2. Aspectos psicológicos do suicídio: sofrimento Psíquico

O manual de prevenção do suicídio lançado pelo Ministério da Saúde (2006), indica que estudos em diferentes regiões do mundo têm demonstrado que, na quase totalidade dos suicídios, os indivíduos estavam padecendo de um transtorno mental, esquizofrenia, transtornos de personalidade, transtorno de humor, destacando-se a depressão maior. E é sobre ela que focaremos e explicaremos ao longo deste debate. Contudo, para Soraya (2013)

Outros estudos mostram que apenas 15% a 20% das pessoas com depressão se suicidam. O que leva a duas conclusões: nem todo deprimido se suicida e nem todas as pessoas que cometeram o suicídio cursavam com depressão. Deste modo, parece mais prudente considerar a depressão como um fator de risco, não como causa do suicídio. (p.34)

Embora o sofrimento psíquico seja em grande parte responsável e contribua para esta mortalidade, ressalta-se que este fenômeno apresenta uma pluralidade de fatores determinantes. Em virtude da sociedade contemporânea, nossa vivência é cercada de tensões, conflitos, frustrações familiares, amorosas e profissionais. O

trabalho consome a maior parte do tempo da vida de um indivíduo, e, por vezes, restringe as preferências pessoais como o lazer, descanso, família etc. Os que não atingem o pedestal de realização dos ideais sociais, não gozam de prazer, satisfação, acabando por experimentar o sofrimento, a sensação de fracasso, juntamente com a tristeza e o desconforto psíquico. Temos medo de expor nossas fraquezas e sentimentos, estamos em um ritmo cada vez mais acelerado, tentando o encaixe nos padrões estabelecidos pela sociedade.

Quando a tristeza e o desânimo normal deixam de ser passageiro e passam a ser sintoma persistente, caracterizando uma tristeza maior, afetando vários setores da vida de um indivíduo, provocando alterações em seus comportamentos e atitudes, deparamo-nos com a possibilidade da tão falada depressão. Referimo-nos a um sofrimento psíquico que apresenta como causa fatores orgânicos, psicológicos e ambientais. Quando se está deprimido nada tem sentido, tudo se torna inútil, nada agrada, em alguns casos, nem mesmo a própria vida.

O momento depressivo pelo qual o sujeito vivencia mostra-se como uma possibilidade e uma oportunidade singulares para a tarefa de saber-de-si, o que, evidentemente, pode e deverá ser proporcionado mediante um trabalho clínico em psicoterapia. A depressão, do mesmo modo que a angústia, a ansiedade, o medo, o pânico, as fobias, as paixões enquanto pathos de uma forma geral, sentimento de “mal-estar” por vezes inefável, enfim, indica em última instância que algo no sujeito clama por uma possibilidade de elaboração subjetiva e compreensão interna. (TAVARES, 2010, p.76).

Podemos fazer uma simples divisão de sentimentos, caracterizando os sentimentos de alegria, satisfação e humor favorável como positivo, este remete-nos ao estado de realização, satisfação pessoal e profissional, um sinal de que tudo está caminhando bem. Já os sentimentos negativos como tristezas, frustrações e angústia, também fazem parte de nossa existência, porém traduz a realidade de perda e a possibilidade de não saber lidar com situações que vivenciamos, consequência de um modo de pensar cartesiano onde se divide os sentimentos, visto por isso como algo adoecedor que não corresponde ao real. Diante da liquidez em que quase tudo tem sido tratado pela grande maioria das pessoas, temos como consequência a crise existencial.

A depressão por muito tempo foi uma doença incompreendida, resultando em interpretações equivocadas sobre as causas e sintomas, atribuindo classificações inadequadas aos seus portadores. Decorrente disso, encontramos pessoas deprimidas que não aceitam a doença e familiares que tratam o deprimido como fraco e impossibilitado de superar as dificuldades da vida. Muitas vezes o diagnóstico passa despercebido, seja pela falta de reconhecimento da mesma ou por atribuir os sintomas

a outras causas, por ser caracterizada como uma perturbação do humor, pode ser facilmente confundida com sentimento de tristeza.

A depressão é um tema que tem sido cada vez mais abordado na mídia, nas redes sociais, nos espaços acadêmicos, dentre outros espaços. Porém, observa-se que, na maioria das vezes, a abordagem sobre esse tema se faz de forma equivocada, baseando-se no senso comum, sem pressupostos teóricos ou científicos para embasar a discussão. A tristeza tem sido tratada como sinônimo de depressão e esta, por sua vez, como mal do século. Muitas pessoas quando estão tristes, desanimadas, angustiadas, se classificam ou são consideradas depressivas. Em razão disso, e, também, pela vergonha ou preconceito por parte da sociedade, ficam afastadas do ambiente de trabalho e, até mesmo, do meio social. (FERREIRA; GONÇALVES; MENDES, 2014, p.2).

O transtorno depressivo pode durar meses ou anos comprometendo de forma integral a vida do acometido com vários sintomas. Pode afetar o desempenho no trabalho, a vida familiar, social, econômica e o simples existir do doente que sofre profundamente. A pessoa deprimida adota uma visão negativa de si e do mundo, interiorizam esses pensamentos como verdades absolutas impossíveis de serem mudadas.

A depressão é considerada o mal do século por afetar um número maior de pessoas a cada ano. É vista como a doença do homem pós-moderno, relacionado a uma sociedade individualista e consumista onde os ideais são mais importantes que nossas necessidades ou possibilidades. As pessoas não sabem lidar com suas tristezas, e se torna heresia dizer que se está deprimido. Segundo Bauman (2009)

Os sofrimentos humanos (inclusive o medo de sofrer e o medo em si, que é o pior e mais penoso exemplo de sofrimento) derivam do “poder superior da natureza, da fragilidade de nossos próprios corpos e da inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade”. (BAUMAN, 2009, p.1).

Perante o exposto, sobre os aspectos determinantes para o suicídio, é possível compreender que não é somente o transtorno mental que leva o indivíduo a suicidar-se, e sim que a esta questão estão envolvidos diversos fatores que podem ajudar para que isso venha acontecer, estabelecendo sentidos no meio social e a cultura onde vive.

3. Alguns entrelaçamentos entre os aspectos sociais e psíquicos do Suicídio

Corroborando com o que foi descrito nos tópicos acima, a modernidade líquida tem produzido um número relevante de suicídios. Sendo o ser humano constituído de

fator biológico, psicológico, social e cultural, este não existe de forma independente em relação aos outros, ou seja, a vida humana é cercada de situações em que necessitamos do convívio social para nos desenvolvermos e nos formarmos como pessoas, desde o nascimento até a morte. Comprovado que o sujeito não nasce e se desenvolve sozinho, como nossa condição social atesta diariamente, o sentido e a qualidade das relações humanas influencia diretamente nossas escolhas e comportamento. Não queremos com isto dizer que as relações humanas seja o único disparador para o suicídio, mas um elemento de importante contribuição.

Em verdade, cada caso de autoextermínio da vida deveria ser analisado em particular e à luz da história de vida de cada indivíduo- porém, os estudiosos das Ciências Humanas, e, em especial, das Ciências sociais e da Psicologia, sabem que as crenças, as escolhas, os comportamentos e as atitudes dos seres humanos não são fenômenos isolados das condições e circunstâncias sociais, políticas e culturais nas quais os indivíduos vivem. (ABRAHÃO, 2015, p.2).

O indivíduo, portanto, sofre a pressão exercida pela sociedade no sentido de levá-lo a sua destruição, com vistas a fins sociais produtivistas e consumistas é que a mesma sociedade lhe ordena tal destruição. O ser humano estabelece vínculo muito frágil com a vida, e sendo ele detentor de desejos, o mesmo acaba ultrapassando os meios de que dispõem, tentando atingir um fim inacessível. Segundo Bauman (2005, p. 27), “todas as sociedades produzem estranhos, mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e de forma inimitável”. Estranhos neste contexto são os sujeitos que não se encaixam no mundo, seja na ordem cognitiva, moral ou estética, sendo assim a humanidade apresenta-se intolerante a qualquer transgressão ou desencaixe ao padrão estabelecido. Nesta ótica podemos afirmar que todas as relações humanas sejam amorosas, familiares entre outras, são afetadas, o ser humano vem perdendo progressivamente a capacidade de tratar o próximo com humanidade, empatia.

A era da modernidade líquida em que vivemos – um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível – é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos. (BAUMAN, 2004, p. 2).

A fragilidade e a vulnerabilidade das relações pessoais é uma das características do atual ambiente de vida, comprometendo todas as espécies de vínculos sociais, que até décadas atrás era baseado em algo duradouro. As pessoas estão desgastadas e fatigadas tentando se enquadrar em padrões estabelecidos pela sociedade, a falta de amor ao próximo e a si mesmo, compromete o ato de viver socialmente, desintegrando-as da sociedade, desta maneira o indivíduo se isola e

tende a desenvolver comportamentos que priorizam seus interesses particulares. No momento em que o individual sobrepõe ao coletivo, o indivíduo se prejudica. Para Durkheim (2005, p.226), “em uma sociedade coerente e ativa existe um intercâmbio de ideias e sentimentos recíprocos entre seus membros, impulsionando o indivíduo a recompor suas energias quando chegam ao fim.”.

Para este mesmo autor, a depressão e a desilusão, não surgem do indivíduo em particular, mas manifestam a um estado de desagregação que a sociedade está diretamente envolvida. Desta forma, o excesso de individualismo pode levar ao suicídio e uma individualização não eficaz é capaz de produzir o mesmo efeito, ou seja, a sociedade e as relações humanas exercem pressão sobre o indivíduo podendo levá-lo a sua destruição. Portanto, o desejo de deixar de existir, relaciona-se intimamente com as faltas de estímulos existenciais que reforçam e alimentam a vontade de viver de cada indivíduo, a sociedade e as relações que não alimentam e incentivam os seus membros a viverem, não oferece base tampouco sustentação para que os mesmos permaneçam na luta pela sobrevivência.

Como dito no início deste tópico, nenhum ser humano é uma ilha, isolá-lo ou excluí-lo, pode provocar a vontade de deixar de existir. Considerando o fato de que o mesmo se constitui através de suas relações e interações sociais, podemos dizer que quando um sujeito desiste de viver, algo na sociedade a qual pertence contribuiu para essa trágica desistência, logo, a decisão de tirar a própria vida vincula-se a uma gama de problemáticas, desesperanças e impotências que acometem o indivíduo, que ao optar pelo suicídio se percebe diante do seu último estágio da dor humana.

Considerações Finais

Acreditamos que o tema ora abordado é de extrema importância, pois o índice de suicídio tem aumentado no Brasil, principalmente entre os homens por adotarem métodos mais eficazes e letais. Nesse ensaio falamos sobre os aspectos sociais e psíquicos que são mais recorrentes nesse ato de tirar a própria vida. É um assunto relevante também para o meio acadêmico, pois apesar das taxas serem altas, ainda é um tema pouco comentado nesse e em outros âmbitos, a exemplo do contexto escolar e das comunidades tradicionais, onde tem maior número de jovens inseridos, uma vez, que a maior taxa de mortalidade suicida acontece entre 15 e 29 anos.

Chama-se atenção para a família, ambiente em que a prevenção do comportamento suicida deve começar. Consequente, além de trabalhar em rede e propor programas de prevenção, é importante trabalhar valores como respeito, fraternidade, empatia, harmonia, entre outros, elementos necessários para que o ser

humano seja preparado para enfrentar dificuldades, bem como propor reflexões de valorização a vida.

Referindo-se ao percurso desse ensaio teórico foram feitas algumas mudanças, em relação ao seu foco, inicialmente propomos embasar a depressão como o último estágio que levaria o sujeito ao suicídio, contudo decorrente do nosso objetivo e de nossos estudos, percebemos que a depressão não é a causa concreta do suicídio e colocamos em foco as questões sociais, o capitalismo e o sofrimento psíquico. Para materializar esse trabalho, iniciamos expondo sobre os índices de mortes decorrentes do suicídio disponibilizados pela OMS, que como apontado a taxa é maior em relação aos homens por liderarem a consumação do ato. Foram abordadas também as questões sociais que em sua maioria embasada nos estudos de Bauman, que traz os conceitos de modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade líquida foi o conceito que mais abordamos pelo fato de se referir aos dias atuais, o qual tínhamos como objetivo expor.

De acordo com o referencial teórico citado neste ensaio, juntamente com as reflexões apresentadas a respeito do suicídio e a complexidade de entender por que seres humanos decidem dar fim a própria vida, percebemos que tal fenômeno não se compreende através de uma única justificativa, pois essa modalidade de morte associa-se a diversos aspectos, prioritariamente o cultural, dentro do qual a devastação emocional e social torna os indivíduos mais vulneráveis. Logo, o desejo de morrer está relacionado ao sofrimento psíquico insuportável. Apesar de ser uma questão de grande impacto social, vivemos num contexto histórico no qual a morte é considerada tabu, por que infelizmente ainda as relações estão escassas, o individualismo e o egoísmo falam mais alto em nossa sociedade atual, dar-se muito valor as coisas materiais e esquecem das relações afetivas, dos sentimentos, esquecem de dar a real importância para com o outro, e então pouco se divulga e comenta sobre a morte diante da fluidez e liquidez dos sentimentos humanos.

Como futuras psicólogas imbuídas na promoção da saúde mental e no bem-estar do sujeito, concluímos que é de extrema importância olhar de forma ampla para esta morte voluntária, ou seja, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo, visto que, as questões dos cuidados psicológicos são fundamentais quando se trata de destrutividade e suicídio, de modo a intervir e atuar no planejamento de prevenções trabalhando em rede, organizando núcleos de prevenção proporcionando as famílias e equipes de saúde, debates sobre o tema que seja eficaz e pertinente a esse trágico episódio. Para que o psicólogo tenha competência para intervir mediante a prevenção do suicídio, é necessário que o mesmo tenha qualificação suficiente para entender esse fenômeno sendo capaz de identificar fatores de risco, buscando auxiliar e

amparar o sujeito, para prevenir o mesmo do ato de tirar a própria vida. Finalizamos com a certeza de que o suicídio pode de fato ser prevenido, portanto, tal prevenção é um grande desafio tanto para psicologia quanto para a sociedade a qual o sujeito está inserido.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, L. Suicídio- a desesperança que mata. **Revista Unespiciência**. Edição 13. 2015.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

BAUMAN, Z. **Confiança e o medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Editora: Jorge Zahar, RJ, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2000.

BAUMAN, Z. **Mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BAUMAN, Z. **Vida pra consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10: **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** – Coord. Organiz. Mund. da saúde; trad, Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

CAIS, S. F. C; STEFANELLO, S. **Prevenção do Suicídio: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. Ministério da Saúde. 2006.

COSTA, P. H. F; GODOY, P. R. T. **O capitalismo contemporâneo e as mudanças no mundo do consumo**. Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Universidad de Barcelona. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/330.htm>

DURKHEIM. E. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

FERNANDES, C. **O capitalismo e o Advento de uma sociedade de consumo**. V.1 nº 1, p.5, 2010.

FERREIRA, R. C.; Gonçalves, C. M.; Mendes, P. G.; **Depressão: do transtorno ao sintoma**. ISSN 1646-6977. Minas Gerais, 2014.

JARDIM, George Ardilles da Silva. O individualismo na cultura moderna. **Revista eletrônica de ciências sociais**, número 7, - setembro de 2004. p. 23- 31.

MELLO, F. M. **Suicídio é sinônimo de doença mental?** 2015 Disponível em provepsico.com.br

NETTO, N. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para psicologia clínica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, p. 15-26, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preventing suicide: a global imperative**. WHO, 2014. <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/19789241564779>

RIGO, S. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para psicologia clínica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, p. 32-41, 2013.

SAFRA, G. Uma nova modalidade psicopatológica na pós modernidade: os espectrais. Psychê. **Revista de psicanálise**, São Paulo, v. 6, n. 6, p.46, 2000b.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo , n. 28, p. 169-195, jun. 2009.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

WERLANG, B. G; BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida**. Porto Alegre: Artemed. 2004.